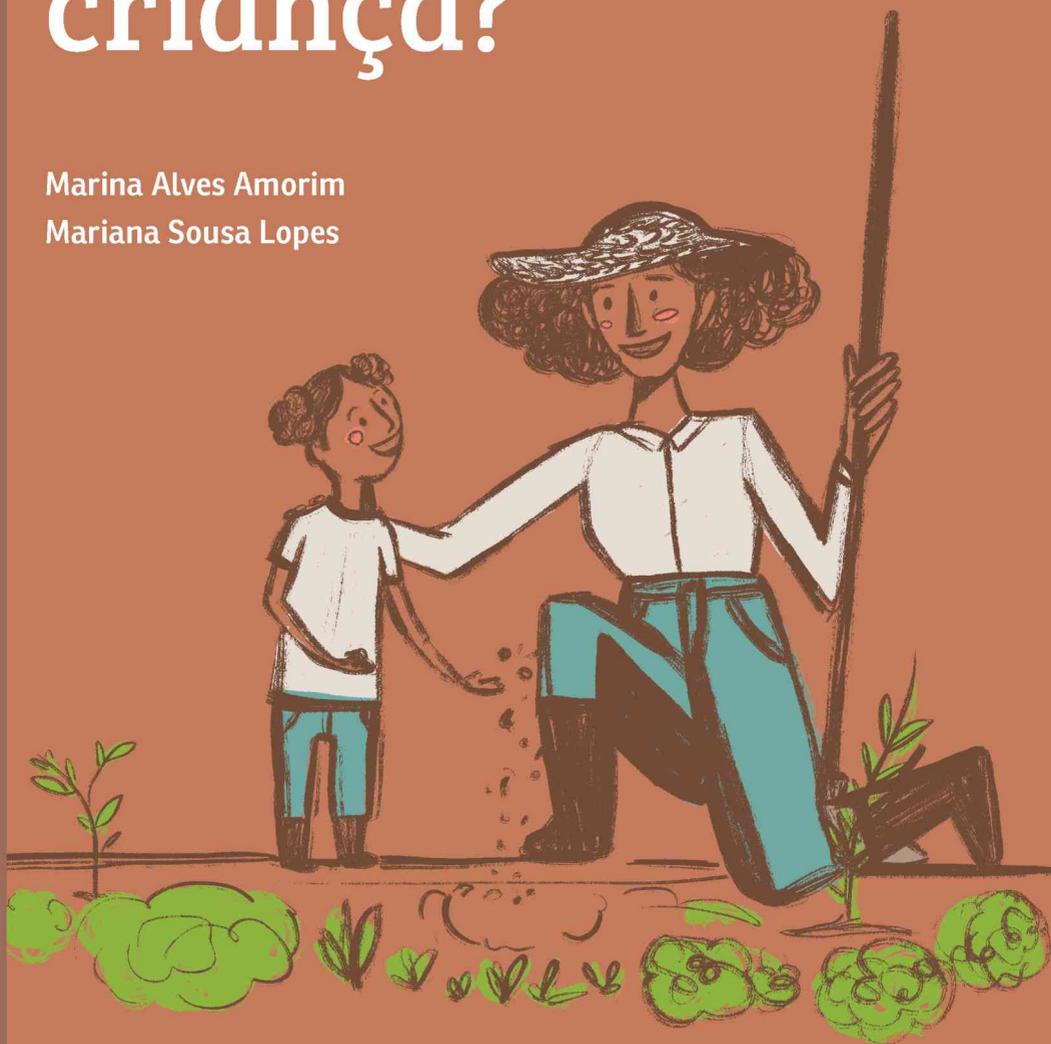
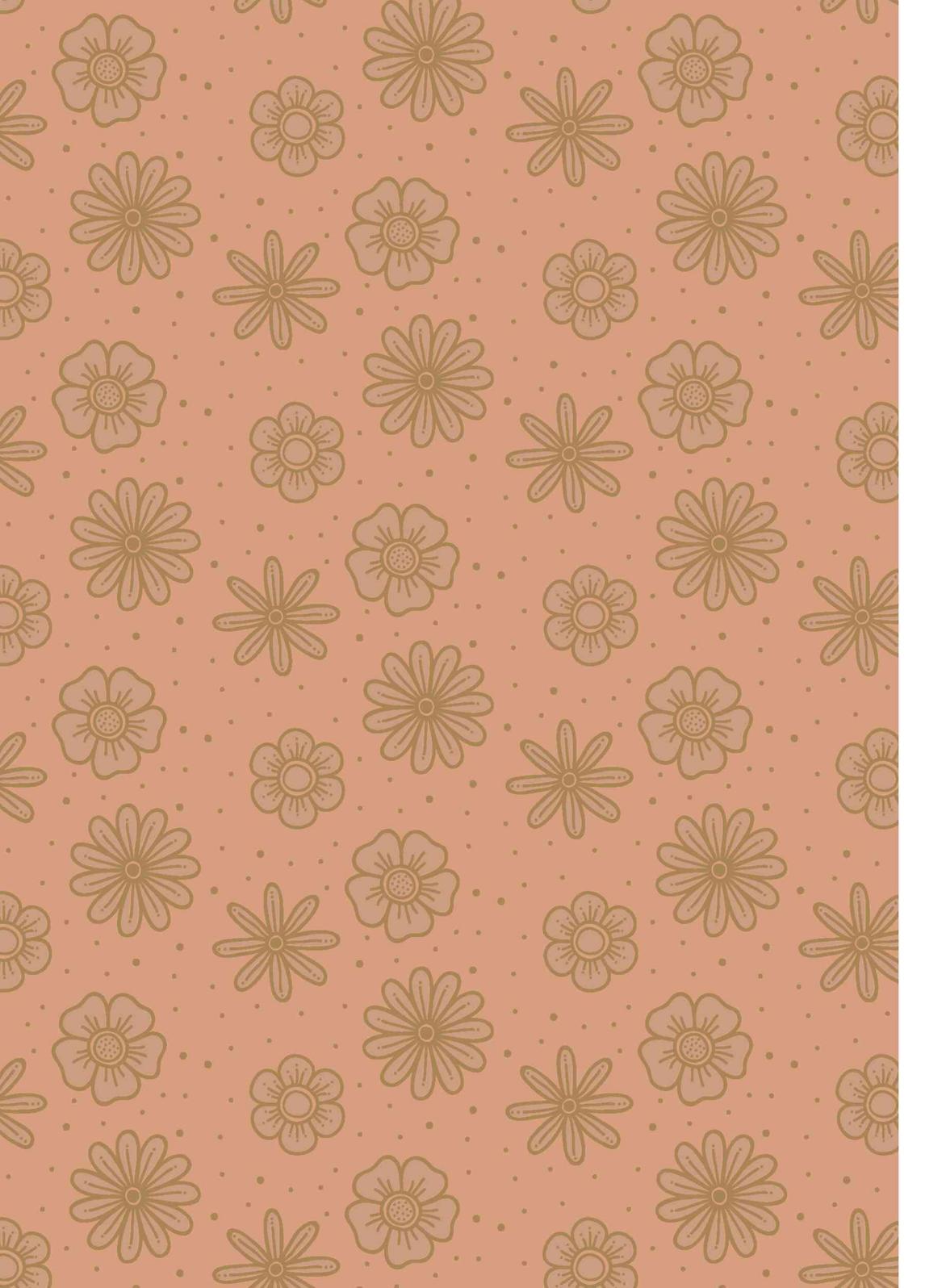


# Trabalho é coisa de criança?

Marina Alves Amorim  
Mariana Sousa Lopes





# Trabalho é coisa de criança?

Marina Alves Amorim  
Mariana Sousa Lopes

Belo Horizonte  
Fundação João Pinheiro | 2017



## **NOTA DE ABERTURA**

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

***Ana Paula Salej Gomes***

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Belo Horizonte, 25 de abril de 2017.

*Olá, criança!*  
*Bom dia, como você está?*

Nós e outras colegas de trabalho, entre os meses de novembro e dezembro de 2016, visitamos quatro mulheres incríveis: Dona Jovita, Dona Vera, Neuzi e Lúcia. Neste livrinho, você irá conhecer um pouco da infância dessas quatro mulheres do campo de Minas Gerais.

5

Dona Jovita, Dona Vera, Lúcia e Neuzi foram crianças trabalhadoras, como você poderá observar ao longo da leitura. Elas começaram a trabalhar duro, quando ainda eram muito pequenas, para ajudar os pais a garantir a sobrevivência da família.

Isso não deveria acontecer, pois o trabalho infantil é proibido no Brasil. Como diz a música, "Criança não trabalha! Criança dá trabalho!" Mesmo assim, a infância também foi um tempo de trabalho para essas e outras mulheres do campo. E, o que é ainda mais grave, hoje, crianças continuam trabalhando no Brasil; meninas e meninos, no campo e na cidade.

Você já conversou com suas avós sobre como era a vida delas quando eram pequenas? E com a sua mãe? O que elas lhe contaram?

Um abraço,

*Marina Amorim e Mariana Lopes.*

## *Dona Jovita*

Jovita Maria Gomes Corrêa, conhecida como Dona Jovita, nasceu em 1957, na Comunidade Quilombola Mata dos Crioulos, localizada no Distrito de Diamantina, onde sempre morou. Além de cuidar da casa e da família e de lidar com a terra, é apanhadora de sempre-vivas.

7

*"Eu comecei a trabalhar de lavoura, essas coisas, com idade de oito anos. Com oito anos, a minha mãe já punha a gente pra fazer as coisas dentro de casa. Mexia, assim, com cozinha e trabalhava na roça. Ela também já levava a gente pra panhar a flor. A gente, desde criança, já invém nessa luta de trabalhar na roça e panhar sempre-viva.*

*Nós era, dentro da casa do meu pai, nove irmãos. Depois da Leia, foi o Antônio, que era homem. Depois do Antônio, foi eu e, depois de eu, um que se chama José Romeu. Depois do José Romeu, foi o Raimundo. Depois do Raimundo, foi o Luiz. Depois do Luiz, o Venâncio. E, antes do Venâncio, a Aparecida, né? E tem também a Maria de mulher. Todo mundo trabalhava. Assim que deu uma idade de oito anos, todo mundo trabalhava. Sempre essa lida".*

Entrevista concedida por Dona Jovita

## *Dona Vera*

Veranilta Alves Costa, conhecida como Dona Vera, nasceu em 1953, em Coronel Murta, cidade localizada no Vale do Jequitinhonha. Mudou-se para Belo Horizonte quando tinha 23 anos de idade. Hoje, mora no Bairro Ribeiro de Abreu. É aposentada e possui uma horta urbana, comercializando seus produtos, sobretudo, em feiras da capital mineira.

8

*“Eu comecei a trabalhar, quando tinha oito anos. Com oito anos, eu já trabalhava na roça com a minha mãe, lá em Coronel Murta. E foi a vida inteira trabalhando na roça capinando, plantando, colhendo.(...)”*

*Eu nasci na roça. Aprendi tudo com a minha mãe. A minha mãe fazia as covas e eu ia pondo as sementes. Eu perguntava quantas sementes. Ela mandava: três de feijão, quatro de milho. E eu punha e tapava com o pé. Aí, mais tarde, quando a gente ia crescendo, a gente tinha uma enxadinha. A minha mãe ia capinando e a gente ia capinando também. No tempo de roçar, a minha mãe roçava e a gente juntava as madeiras e punha fogo. Chamava coivara. Quando dava arroz, a gente ia com a minha mãe colher. A*

gente colhia e soprava o arroz, pra gente tirar a palha. Depois, limpava no pilão, pra poder comer. A gente fazia tudo. Eu e minha mãe. E, depois, a minha irmã também. A outra que mora em Porteirinha e que, hoje, manda coisas do sítio dela pra mim, pra vender em Belo Horizonte. E era assim que a gente aprendia. Desde pequena, a gente ia fazendo. Desde pequena, eu trabalhei na roça. Quando a minha mãe ia pra roça de manhã e já tinha os meus irmãos, ela deixava os negócios pra cozinhar já separado. Porque eu sou a mais velha de oito irmãos. Aí, eu fazia a comida e punha em uma vasilha. Quer dizer, naquele tempo, a gente não tinha prato. Era as cuias, né? As gamelas. E levava. Lá, a gente comia; lá, ficava o dia inteiro”.

Entrevista concedida por Dona Vera

## Lúcia

Maria Lúcia Cristo nasceu no município de Simonésia, em Minas Gerais, em 1963, onde ainda reside. Sua casa fica na zona rural e na sua propriedade há cultivo principalmente de café, além da criação de animais.

10

*"Eu comecei a trabalhar, muito cedo. Com sete anos, eu já trabalhava, ajudava na roça. Eu dividia meu tempo entre ir pra escola e ir pra lavoura. Mas o tempo de estudo era reduzidíssimo... Era só o período de ir à aula mesmo. E, no recreio, em vez de brincar com as crianças, eu ia para o curral, para o pasto, tocar os bezerros e separar eles das vacas, botar as vacas no curral, pra no outro dia ter leite. Então, era assim.*

*Eu tenho um irmão que tem problema epilético. Muitas vezes, meu pai e minha mãe precisavam sair pra cuidar dele. E, como eu sou a filha mais velha, eu ficava com a responsabilidade de cuidar da casa e da criação. O meu pai sempre mexeu com muita criação, fazia rapadura. E, aí, quando ele ia fazer rapadura, eu já ia pra lavoura pra ajudar a cortar cana, carregar a cana. Mesmo sem aguentar, né? Porque elas eram muito grandes. Eu sofria muito, mas fazia. Porque*

*tinha que ajudar e contribuir com a alimentação da família. A gente tinha lavoura de café. Também plantávamos muito arroz, feijão, milho. Nós colhia de tudo.(...)*

*Nós somos sete irmãos: cinco mulheres e dois homens. Meu irmão, o que veio em terceiro, desde os cinco anos, ele começou a apresentar problema de saúde. Aí, ele não pôde ajudar, porque ele dava crise diariamente. Então, a minha irmã ficava mais na casa e eu fazia mais o trabalho braçal de ajudar o meu pai”.*

11

Entrevista concedida por Lúcia

## Neuzi

Neuzi de Fátima Pinto nasceu no município de Bonfinópolis, em 1966. Hoje, mora no Assentamento Tamboril, em Santa Fé de Minas. Vive da comercialização de sua produção na agricultura, em especial, do maracujá e da melancia.

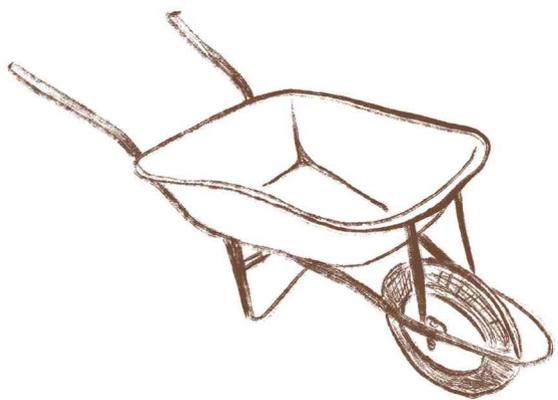
12

*“Mãe não gostava de deixar a gente fazer as coisas não. Eu e minha irmã, Madalena, a gente ajudava a minha mãe, mas era porque a gente gostava de ir mais ela. Lavar vasilha, a gente lavava vasilha no córrego. Buscar água, era lá no córrego também, na cabeça. No caso de lavar roupa, era eu mesmo que lavava. As coisas menores, eu dava conta de esfregar. As coisas maiores, eu não dava conta. Na época, não tinha escova. Esfregava era na mão. A gente não dava conta de esfregar, porque a roupa era de algodão. Era tudo feito de algodão. A roupa do meu pai, a roupa da minha mãe, coberta, lençol, embornal, mala, tudo de algodão. Eu não dava conta de esfregar, então, eu ia com mãe. Ela lavava –ensaboava, esfregava, punha pra quarar. Colocava ali na pedra. Eles falavam no quarador. Lá em cima da pedra, deixava pegar um solzinho. Aí, depois, a gente ia esfregar. O sabão*

*dela era feito no tacho. Aquele sabão com aquelas pelotonas. Eu gostava de pegar essa pelota e ficar esfregando na roupa. Eu também ajudava minha mãe a enxaguar a roupa. Às vezes, eu gostava demais de sentar lá na pedra, batendo a roupa. Na época de chuva, a roupa ficava até dois dias. Aquela roupa mais encardida, todo dia a gente ia lá e dava uma mexida nela, até que limpava. Então, era esse o serviço. No mais, era tratar de porco e galinha. Isso era coisa dos meninos, Deuzilto e José Maria.*

*Eu comecei a trabalhar na terra com 12 anos, quando passei a levar a comida pro meu pai na roça depois da escola. Aí, eu levava o almoço e ia ficando. Primeiro, fui ajudando meu pai encoivarar. Encoivarar é juntar os paus, amontoar e colocar fogo. Naquela época, não tinha trator, não tinha quem encoivasse. Aí, ele foi me ensinando a mexer com a enxada e as outras coisas. Só não me ensinou a mexer com a foice. Achava muito perigoso. Até hoje, eu não mexo com a foice. A gente roçava e encoivarava, pra depois plantar."*

Entrevista concedida por Neuzi



*Realização*



SECRETARIA DE  
DESENVOLVIMENTO  
AGRÁRIO



*Apoio*



*Produção vídeos*

